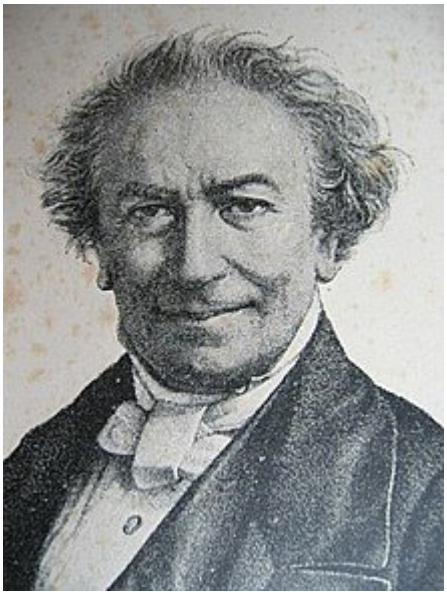
# Correspondência – Sr. Jobard

Nessa seção são apresentadas algumas correspondências de interesse. A primeira delas é uma carta do Sr. Jobard (Marcellin Jobard), uma verdadeira proclamação de suas crenças no Espiritismo:

*Recebo e leio com avidez a vossa Revista Espírita e recomendo aos meus amigos,* ***não a simples leitura, mas o estudo aprofundado*** *do vosso Livro dos Espíritos. Muito lamento que minhas preocupações físicas não me deixem tempo para os estudos metafísicos, embora os tenha levado bastante longe para sentir quanto estais* ***perto da verdade absoluta****, sobretudo quando vejo a perfeita coincidência que existe entre as respostas que nos dão – a mim e a vós. Os próprios Espíritos que vos atribuem pessoalmente a redação dos vossos escritos ficam estupefatos com a profundidade e com a lógica que aí encontram.*



Marcellin Jobard (17 de maio de 1792, Baissey – 27 de outubro de 1861, Bruxelas) foi um litógrafo, fotógrafo e inventor belga de origem francesa.

Fundador do primeiro estabelecimento importante de litografia da Bélgica, primeiro fotógrafo belga, diretor do Museu da Indústria de Bruxelas de 1841 a 1861, Marcellin Jobard desempenhou um papel **hoje pouco conhecido** no desenvolvimento artístico, científico e industrial da Bélgica durante o século XIX.

Kardec apresenta uma comunicação desse Espírito (após sua morte, em 1861) em O Céu e o Inferno – Segunda Parte – Capítulo II – Espíritos felizes » Sr. Jobard

*Quanto a mim, que conheço o fenômeno e a vossa lealdade, não duvido da exatidão das explicações que vos são dadas e abjuro todas as ideias que a respeito publiquei, quando, com o Sr. Babinet, eu pensava que só houvesse nisso fenômenos físicos ou palhaçadas indignas da atenção dos sábios.*

*Não desanimeis, como eu não desanimo, ante a indiferença de vossos contemporâneos. O que está escrito, está escrito; o que está semeado germinará. A ideia de que a vida é uma afinação das almas, uma prova e uma expiação, é grande, consoladora, progressiva e natural.*

Em resposta, Kardec elogia a posição do Sr. Jobard, sendo homem tão reconhecido, e o questiona sobre a possibilidade de publicar sua "adesão" na Revista Espírita.

Importante, antes, notar a índole de Kardec: *Os elogios contidos na carta do Sr. Jobard nos teriam impossibilitado de publicá-la, se tivessem sido dirigidos pessoalmente a nós.*

Em resposta, Jobard teria se afirmado "humilhado" pelas perguntas de Kardec, como se ele se sentisse comparado com os tolos. Contudo, informando-se consciente das dificuldades dos adeptos das novas ideias, reafirma suas decisões, fazendo uma interessante e profunda digressão.

*A propósito do magnetismo, há mais de quarenta anos, fiz este raciocínio simples:* ***é impossível que homens tão apreciáveis escrevam milhares de volumes para me fazerem crer na existência de uma coisa inexistente****. Então fiz experiências por muito tempo, mas em vão, enquanto não tinha fé em obter aquilo que buscava. Fui, entretanto, bem recompensado por minha perseverança, pois consegui produzir todos os fenômenos de que ouvia falar. Depois fiz uma pausa de quinze anos. As mesas tinham surgido e eu quis ter uma ideia clara. Hoje surge o Espiritismo e eu ajo da mesma maneira.*

*Quando aparecer algo de novo, correrei com o mesmo ardor que emprego em acompanhar todas as descobertas modernas.* ***É a curiosidade que me arrasta, e lamento que os selvagens não sejam curiosos, pois assim continuam selvagens. A curiosidade é a mãe da instrução****.*

***Sei perfeitamente que essa febre de aprender, muito me prejudicou*** *e que se tivesse ficado nessa respeitável mediocridade que conduz às honras e à*

*fortuna, eu teria tirado a minha fatia, mas há muito tempo eu disse, de mim para mim, que* ***me achava apenas de passagem neste albergue ordinário, onde não vale a pena fazer as malas****. O que me fez suportar sem dor as adversidades, as injustiças e os roubos de que fui vítima privilegiada, foi a ideia de que aqui não existe uma felicidade ou uma desgraça pela qual valha a pena nos alegrarmos ou nos afligirmos.*

*Vi evocar uma pessoa viva. Ela teve uma síncope até que seu Espírito voltou. Evocai-me, para ver o que vos direi. Evocai também o Dr. Muhr, falecido no Cairo, a 4 de junho. Ele era um grande espírita e médico homeopata. Perguntai-lhe se ainda crê nos gnomos. Certamente está em Júpiter, pois era um grande Espírito, mesmo aqui na Terra; um verdadeiro profeta a ensinar, e meu melhor amigo. Estará ele contente com o artigo necrológico que lhe escrevi?*

Nota: Kardec faz a evocação e a apresenta na edição de novembro de 1858

---

# Um pouquinho sobre a psicografia

O estudo da Revista Espírita de Julho de 1858 nos abriu espaço para um aparte importante, a respeito da Psicografia. Falamos sobre os tópicos seguintes em nosso encontro, conforme poderão ver abaixo.

De **O Livro dos Médiuns**

178. De todos os meios de comunicação, **a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo**. **Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós**. Com tanto mais afinco deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. *Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício*.

# Médiuns Mecânicos

São aqueles cujo movimento do lápis, da caneta ou mesmo das mãos sobre um teclado se dão de forma independente à sua vontade. O movimento é ininterrupto e o médium não tem a menor consciência do que escreve.

*179. [...] Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta, têm-se os médiuns chamados passivos ou mecânicos. É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.*

# Médiuns Intuitivos

São aqueles que escrevem sob a influência do Espírito, tendo consciência do que escrevem.

*180. [...] é possível reconhecer-se o pensamento sugerido, por não ser nunca preconcebido; nasce à medida que a escrita vai sendo traçada e, amiúde, é contrário à ideia que antecipadamente se formara. Pode mesmo estar fora dos limites dos conhecimentos e capacidades do médium.*

# Médiuns Semimecânicos

*181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o.* ***Estes últimos médiuns são os mais numerosos****.*

# Médiuns Inspirados

São aqueles que escrevam conscientemente, mas cuja origem do conteúdo seja do contato com outros Espíritos. São como intuitivos, com a diferença que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível. Nesse caso, é muito mais difícil distinguir o pensamento próprio do que aquele que lhe é sugerido.

*182. […] Pode dizer-se que todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutares ideias.*

*Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com frequência à inspiração do seu anjo de guarda, nos momentos em que se não sabe o que dizer, ou fazer. Que cada um, pois, o invoque com fervor e confiança, em caso de necessidade, e muito frequentemente se admirará das ideias que lhe surgem como por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a compor. Se nenhuma ideia surge, é que é preciso esperar.*

## Médiuns de Pressentimentos

*184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as consequências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas, e sobretudo neste caso é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de médiuns de pressentimentos, que constituem uma variedade dos médiuns inspirados.*

---

# Há perigo na evocação de Espíritos inferiores?

**278. Uma questão importante se apresenta aqui, a de saber se há ou não inconveniente em evocar maus Espíritos.** Isso depende do fim que se tenha em vista e do ascendente que se possa exercer sobre eles. O inconveniente é nulo, quando são chamados com um fim sério, qual o de os instruir e melhorar; **é, ao contrário, muito grande, quando chamados por mera curiosidade ou por divertimento, ou, ainda, quando quem os chama se põe na dependência deles, pedindo-lhes um serviço qualquer**. Os bons Espíritos, nesse caso, podem muito bem dar-lhes o poder de fazerem o que se lhes pede, o que não

exclui seja severamente punido mais tarde o temerário que ousou solicitar-lhe o auxílio e supô-los mais poderosos do que Deus. Será em vão que prometa a si mesmo, quem assim proceda, fazer dali em diante bom uso do auxílio pedido e despedir o servidor, uma vez prestado o serviço. **Esse mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito e este não larga facilmente a sua presa**. (Veja-se o n.º 212.)

279. Ninguém exerce ascendentes sobre os Espíritos inferiores, senão pela superioridade moral. Os Espíritos perversos sentem que os homens de bem os dominam. Contra quem só lhes oponha a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e muitas vezes são os mais fortes. A alguém que procurava domar um Espírito rebelde, unicamente pela ação da sua vontade, respondeu àquele: Deixa-me em paz, com teus ares de matamouros, que não vales mais do que eu; dir-se-ia um ladrão a pregar moral a outro ladrão.

282. 11.ª. Haverá inconveniente em se evocarem Espíritos inferiores? E será de temer que, chamando-os, o evocador lhes fique sob o domínio? “Eles não dominam senão os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem que temer. Impõe-se aos Espíritos inferiores e não estes a ele. **Isolados, os médiuns, sobretudo os que começam, devem abster-se de tais evocações**. (N.º 278.)

---

# O Espiritismo e o esquecimento do passado: como nos modificar, sem conhecer o que fizemos e o que somos?

Nós temos o esquecimento geral da vida passada por um motivo muito importante: a fim de que o passado, conhecido objetivamente, em seus pormenores, não atrapalhe nossa caminhada. Veja: é conveniente, para Espíritos

de nossa evolução, por exemplo, não lembrar que fizemos mal ao familiar que hoje nos ajuda, o que poderia nos entravar o aprendizado.

Contudo, esse esquecimento não total. Não somos uma página em branco, em cada encarnação. Temos, em cada uma delas, uma personalidade mais ou menos nova, diferente, moldada segundo a criação da família e os costumes da sociedade na qual estamos inseridos, mas o nosso verdadeiro "eu" está demonstra suas virtudes e suas imperfeições desde os primeiros passos da infância.

No cerne do nosso Espírito, por assim dizer, encontra-se o que realmente somos – aliás, é isso o que atrai ou repele os Espíritos bons ou maus, e é por isso que uma modificação apenas superficial (e muito menos os rituais) não os afasta ou atrai. Durante a vida, muitas vezes vestimos uma máscara de orgulho e vaidade, que visa esconder, de nós mesmos e dos outros, nossa verdadeira face – sobretudo no que tange às imperfeições morais. Nos ditraímos com as coisas mundanas, sem muita coragem de enfrentar nosso eu interior. Contudo, é justamente a isso que o Espiritismo vem chamar a atenção, repetindo e ampliando os ensinamentos de Jesus: precisamos deixar de lado essa máscara, aprendendo a olhar para dentro de nós com o olhar duro e julgador que guardamos para olhar os defeitos dos outros.

Quando agimos assim, descombrimos, quase sempre – o que pode ser muito auxiliado por um psicólogo – um conjunto de imperfeições, muitas delas ligadas ao cultivo das paixões. Quem toma esse passo, longe de se sentir culpado, deve se sentir feliz pela bravura em se analisar friamente. Com isso, devemos passar a nos conduzir sem esmorecer, mas com calma, passo a passo, no caminho do afastamento dessas imperfeições, desenvolvendo melhores virtudes.

Isso, em si, que até me arrepia em pensar, constitui toda uma filosofia capaz de modificar completamente os rumos de um Espírito que se sinta cansado de sofrer por suas imperfeições, e, em si, isso sim representa a essência do Espiritismo, e não quaisquer conceitos de pecado e de castigo, já que culpa e punição vivem apenas em nossas mentes.

Deixamos a indicação do seguinte vídeo, do grupo de estudos Espiritismo para Todos, com uma profunda digressão a esse respeito:

# O Espiritismo tem preconceito contra a umbanda?

Talvez muitos espíritas tenham, da mesma forma que muitos umbandistas tem, em relação ao Espiritismo, e da mesma forma que praticamente todo ser humano pode ter preconceitos. Ficar apontando e definindo “lados” é, definitivamente, algo que não ajuda muito no progresso humano. De qualquer forma, aproveito o ensejo para lembrar o seguinte:

Em primeiro lugar, é necessário separar o que Espiritismo do que é o “Movimento Espírita”. O primeiro é uma doutrina sólida e científica, racional, baseada no ensinamento concorde dos Espíritos, dados por toda a parte e por todos os tempos. O segundo, é o conjunto das pessoas que se consideram atraídas pelas ideias dessa Doutrina e que, contudo, nem sempre agem de acordo com seus postulados – infelizmente é o que mais acontece hoje em dia.

O Espiritismo, como Doutrina Científica, não força nada a ninguém: apresenta suas conclusões e deixa a cada um a liberdade de aceitá-las ou não. Contudo, muitas pessoas, ditas espiritualistas, mesmo tendo conhecimento da existência dessa Doutrina, escolhem não se informar a respeito dela, julgando o livro pela capa, isto é, agindo preconceituosamente a seu respeito, afirmando que se trata de mais uma religião, ou que se trata de mais uma opinião, ou que, ainda, O Livro dos Espíritos – obra básica dessa Doutrina – não passa de mais um livro, escrito por Kardec, conforme suas próprias ideias.

Quantas são as pessoas que se metem em dificuldades, no que tange ao contato com os Espíritos, e que, quando convidadas a estudar a Doutrina Espírita (que se chama assim porque pertence aos Espíritos, e não a um só homem ou grupo) preferem continuar em suas velhas concepções, resistindo a buscar novos conhecimentos?

Diz-se que a umbanda nasceu de uma cisão dentro de um centro Espírita, quando os participantes daquele grupo não aceitaram a comunicação de um “preto velho” naquele meio. Ora, se é verdade, também não são menos culpáveis do que os

outros indivíduos, que insistem em considerar a base da Ciência Espírita como “letra morta e superada”.

Disso tudo, fica um aprendizado: para entender o Espiritismo, sendo ele uma ciência, nascido, aliás, como um desenvolvimento do Espiritualismo Racional, que também era uma doutrina científica que abarcava o estudo da psicologia, da metafísica e da moral, não prescinde do estudo de suas obras básicas, assim como, para entender a Física não prescinde do estudo de Isaac Newton e de Einstein. Assim como a Física apresenta seus postulados, mas muitas pessoas insistam em ignorá-la para dizer que a força gravitacional não existe, o mesmo é feito a respeito do Espiritismo, que não é uma “religião superior”, onde existem as “únicas verdades”, mas que é, sim, a única Doutrina Científica, até hoje, dedicada a estudar racionalmente as nossas relações com os Espíritos.

Aliás, quem estuda o Espiritismo sabe que ele, frente às outras religiões, vem demonstrar a verdade sobre tudo aquilo que sempre existiu mas, que nem sempre foi bem compreendido, da mesma forma que mostra os erros, frutos da inobservância da razão ou mesmo do desconhecimento de certas informações que, a seu tempo, começaram a ser ensinadas. São os demais indivíduos que, por orgulho ou interesses pessoais, muitas vezes não suportam ver um dogma desmentido, e escolhem atacar de volta à Doutrina Espirita. Reflitamos. Ao invés de escolher lados, entendamos: o Espiritismo, como ciência, pode ser estudado por todos os espiritualistas modernos, assim como o Magnetismo, ciência irmã da primeira. Mas, sem estudar e entender, tudo vai continuar na mesma: espíritas criando falsos conceitos a respeito das comunicações espíritas (espirituais) nas religiões diversas e as religiões diversas deixando de sorver conhecimentos tão libertadores, consoladores e progressistas como os do Espiritismo.

---

# Espiritismo e a eutanásia

# (sacrífício) de animais terminais

Segundo o Espiritismo demonstra, há problema em sacrificar um animal em estado terminal, submetendo-o à eutanásia?

---

# A cultura organizacional de um centro espírita

por Marco Milani
*Texto publicado na Revista Dirigente Espírita, ed. 188 – mar/abr 2022, p. 9-11*

> ***O presente artigo reforça nossas observações recentes, a respeito do Movimento Espírita, e demonstra que não estamos sozinhos nesse caminho.***

Apesar de diferentes portes e complexidades dos serviços oferecidos, todas as instituições efetivamente espíritas possuem, como característica identitária comum, a estruturação teórica de seus princípios e valores no ensino dos Espíritos organizados e apresentados por Allan Kardec. Muito mais do que a denominação formal ostentada em sua fachada e documentos, é a cultura interna pautada pelo conteúdo das obras kardequianas que torna-se o elemento central que faz com que qualquer centro espírita seja, assim, reconhecido como tal.

Historicamente, pode-se apontar a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE), fundada em 01/04/1858, como o primeiro centro espírita do mundo e serviu de referência para a constituição de inúmeros grupos voltados para o estudo e prática do Espiritismo.

Ainda que tenha sido o modelo para formação de outros centros, a cultura organizacional da SPEE era única, pois o conjunto de práticas, rotinas, normas, necessidades, preocupações e expectativas de seus membros é algo que não se reproduz. Igualmente, cada instituição espírita, do passado ou do presente,

reflete aspectos particulares de seus fundadores, mantenedores e colaboradores que lhe dá uma característica singular e sujeita a modificações com o tempo, mas sempre distinta de outras organizações.

Pode-se, então, afirmar que o centro espírita possui uma identidade comum em Kardec, compartilhada com outras instituições espíritas, e uma microcultura própria, decorrente da atuação direta de seus participantes, que o diferencia em maior ou menor grau dos demais centros.

A pluralidade microcultural é determinada, também, pela maturidade doutrinária dos dirigentes de cada casa.

Um problema crítico de identidade é gerado quando a microcultura da instituição conflita com a identidade comum que a faria ser reconhecida como espírita. Em outras palavras, quando os princípios e valores espíritas passam a ser reinterpretados e ressignificados devido à imaturidade doutrinária e/ou interesses particulares dos dirigentes, afasta-se a casa do direcionamento kardequiano e a aproxima de um contexto espiritualista, mas não espírita.

O dinamismo doutrinário, a necessidade de agregação de novos conhecimentos e a atualização conceitual costumam ser utilizados indevidamente para justificar a subversão ou abandono do ensino dos Espíritos na obra kardequiana. Opiniões isoladas de autores desencarnados passam a ser assumidas como novas verdades que se autolegitimam por terem sido reveladas por supostas comunicações mediúnicas e por médiuns infalíveis. O método do controle universal adotado por Kardec também é inutilizado ou deturpado pelos novidadeiros, desvalorizando-se os cuidados necessários para se aceitar uma informação como válida.

Não por acaso a relação entre poder e cultura nas organizações é amplamente explorada na literatura científica da área de Ciências Sociais Aplicadas. A influência exercida por líderes, principalmente carismáticos, nas instituições pode mudar e consolidar a cultura organizacional no longo prazo e fazer com que as referências doutrinárias espíritas migrem de sua base kardequiana para novos arcabouços teóricos, geralmente sincréticos e místicos.

Foi, justamente, o sincretismo com a Teosofia, Catolicismo e orientalismo, além de pitadas supersticiosas, alguns dos fatores que impactaram negativamente o desenvolvimento do Movimento Espírita Francês a partir da desencarnação de Allan Kardec. O reflexo do desvirtuamento cultural foi a disseminação do

roustainguismo, por exemplo, em alguns grupos nascentes, inclusive brasileiros. Uma vez implantada a microcultura sincrética, é visível o seu impacto nocivo na questão identitária espírita.

Equivocadamente, alguns mais afoitos e distantes da análise criteriosa sob métodos sociológicos, confundem as inúmeras microculturas organizacionais com a própria identidade comum espírita, levando-os a supor que existam "vários espiritismos". O que existe, de fato, é uma esperada heterogeneidade microcultural que não representa, por si mesma, a Doutrina Espírita, a qual é única. **Assim, só há um Espiritismo, mas diferentes graus de maturidade doutrinária de seus adeptos.**

Quanto mais coerente com o ensino dos Espíritos apresentados por Allan Kardec, mais próximo da identidade espírita encontra-se o profitente. O próprio codificador reconheceu e classificou os diferentes tipos de espíritas, sinalizando que não há uniformidade estrita nem que os pensamentos e atos isolados daquele que se declara adepto caracterizará, necessariamente, a doutrina.

No livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, em seu capítulo XVII, item 4, explicita-se as características do verdadeiro espírita, porém mesmo nesse item a leitura apressada impede a real compreensão de seu significado mais profundo. Destaca-se o seguinte trecho:

"Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; **os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes** *(grifo meu)*. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más."

Conforme se depreende, trata-se de interpretação limitada a caracterização do verdadeiro espírita apenas pela transformação moral e pelos esforços para domar as más inclinações, uma vez que essas atitudes, ainda que extremamente positivas e necessárias, podem ser feitas por qualquer ser humano, seja qual for a crença ou orientação filosófica que possua, inclusive ateus. Para

ser bom, não precisa ser espírita. Por isso que a máxima é fora da caridade (não do Espiritismo) não há salvação. Existem ateus moralmente mais elevados que muitos religiosos.

Por outro lado, para ser espírita, deve-se compreender e vivenciar os princípios doutrinários e, para isso, deve-se estudar e se instruir sobre a natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal, segundo o Espiritismo. A Ciência tem, portanto, papel de destaque na produção e avanço no conhecimento sobre a realidade que nos cerca, adentrando, inclusive em propostas espiritualistas, mesmo que desagradando pesquisadores ainda presos no materialismo.

Considerando que não basta ser bom para ser um espírita verdadeiro, uma organização espírita deve, imperiosamente, ser conduzida conforme os princípios e valores doutrinários. Desvios conceituais incorporados na microcultura organizacional sob a alegação de que a única coisa que importa é se esforçar para se transformar moralmente gera espaços para sutis ou claras infiltrações antidoutrinárias.

Em síntese, o movimento espírita, composto por milhares de instituições e profitentes, expressa rica diversidade microcultural e graus de maturidade doutrinária, mas o Espiritismo é único, expressando o ensino dos Espíritos que foram validados pelo método do controle universal e marcha, lado a lado, com os avanços científicos desde que devidamente validados, superando o estágio hipotético. A cultura organizacional do verdadeiro centro espírita tem, portanto, Kardec como lastro, afasta posturas sincréticas, místicas e supersticiosas, e acolhe o convite para o diálogo baseado em fatos e na fé raciocinada para a produção e avanço do conhecimento, os quais não ocorrem por simples opinião mediúnica.

---

# Palestras familiares de além-

# túmulo: O Sr. Morisson, monomaníaco

**Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos — 1858 > Junho**

## O Sr. Morisson, Monomaníaco

Em março último noticiava um jornal inglês o que se segue, a respeito do Sr. Morisson, recentemente falecido na Inglaterra, deixando uma fortuna de cem milhões de francos. Segundo aquele jornal, nos dois últimos anos de vida ele era presa de singular monomania. Imaginava-se reduzido a extrema pobreza e devia ganhar o pão de cada dia com um trabalho manual. A família e os amigos haviam reconhecido a inutilidade dos esforços para lhe tirar aquilo da cabeça. Era pobre, não possuía um ceitil e devia trabalhar para viver: essa a sua convicção. Todas as manhãs punham-lhe uma enxada nas mãos e mandavam-no trabalhar em seus próprios jardins. Daí a pouco vinham procurá-lo, pois a tarefa estava concluída; pagavam-lhe um modesto salário pelo trabalho feito e ele ficava contente. Seu espírito ficava tranquilo e sua mania satisfeita.

Se o tivessem contrariado, teria sido o mais infeliz dos homens.

1. — Peço a Deus Todo-Poderoso que permita venha comunicar-se conosco o Espírito de Morisson, recém-falecido na Inglaterra, deixando uma fortuna considerável.

— Aqui está ele.

2. — Lembra-se do estado em que se achava durante os dois últimos anos de sua existência corpórea?

— É sempre o mesmo.

3. — Depois da morte seu Espírito ficou ressentido da aberração das faculdades durante a sua vida?

— Sim.

São Luís completa a resposta, dizendo espontaneamente: “Desprendido do corpo,

o Espírito sente, durante algum tempo, a compressão dos seus laços.”

4. – Assim, após a morte, seu Espírito não recobrou imediatamente a plenitude de suas faculdades?

– Não.

5. – Onde está agora?

– Atrás de Ermance.

6. – Você é feliz ou infeliz?

– Algo me falta… Não sei o que… Procuro… Sim, sofro.

7. – Por que sofre?

– Sofre pelo bem que não fez. (Resposta de São Luís).

8. – Por que essa mania de julgar-se pobre, quando possuía tão grande fortuna?

– Eu o era. Em verdade, rico é aquele que não tem necessidades.

9. – De onde vinha essa ideia de que lhe era necessário trabalhar para viver?

– Eu era louco e ainda sou.

10. – Como lhe veio essa loucura?

– Que importa? Eu tinha escolhido essa expiação.

11. – Qual é a origem de sua fortuna?

– Que te importa?

12. – Entretanto a sua invenção não visava aliviar a Humanidade?

– E enriquecer-me.

13. – Que uso você fazia da fortuna quando gozava da plenitude da razão?

– Nenhum. Creio que eu a gozava.

14. – Por que lhe teria Deus concedido fortuna, desde que não devia empregá-la

utilmente para os outros?

– Eu tinha escolhido a prova.

15. – Aquele que goza de uma fortuna adquirida no trabalho não é mais escusável por se apegar a ela do que o que nasceu no seio da opulência e jamais conheceu a necessidade?

– Menos.

São Luís acrescenta: “Aquele conhece a dor, mas não a alivia.”



## O monomaníaco lembra-se de sua vida passada

16. – Você se lembra de sua existência precedente a esta que acaba de deixar?

– Sim.

17. – O que você era então?

– Um operário

18. – Você nos disse que é infeliz. Vê um termo para o seu sofrimento?

– Não.

São Luís acrescenta: “É cedo demais.”

19. – De quem depende isto?

– De mim. Assim mo disse aquele que está ali.

20. – Conhece aquele que está ali?

– Vós o chamais Luís.

21. – Sabeis o que foi ele em França no século XIII?

– Não... Eu o conheço por vosso intermédio... Agradeço por aquilo que me ensinou.

22. – Você acredita numa outra existência corporal?

– Sim.

23. – Se deve renascer na vida corpórea, de quem dependerá sua futura posição social?

– De mim, suponho eu. Tantas vezes escolhi que isto só de mim poderá depender.

OBSERVAÇÃO: As palavras *tantas vezes escolhi* são características. Seu estado atual prova que, apesar das numerosas existências, pouco progrediu, e que para ele, é sempre um recomeço.

24. – Que posição social escolheria se pudesse recomeçar?

– Baixa. Avança-se com mais segurança. Só se está encarregado de si mesmo.

25. – (A São Luís): Não haverá um sentimento de egoísmo na escolha de uma posição humilde, na qual não se deve ter o encargo senão de si mesmo?

– Em parte alguma se têm encargos apenas para consigo mesmo. O homem responde pelos que o cercam e não só pelas almas cuja educação lhe foi confiada, mas ainda pelos outros. O exemplo faz todo o mal.

26. – (A Morisson): Nós lhe agradecemos a bondade com que nos respondeu e

rogamos a Deus lhe dê forças para suportar novas provas.

– Vós me aliviastes. Eu aprendi.

OBSERVAÇÃO: Reconhece-se facilmente nas respostas acima o estado moral do Espírito. Elas são curtas e, quando não monossilábicas, têm algo de sombrio e de vago. Um louco melancólico não falaria diferentemente. Essa persistência da aberração das ideias após a morte é um fato notável, mas que não é constante, ou que por vezes apresenta um caráter completamente diverso. Teremos ocasião de citar vários outros exemplos, onde se estudam as diferentes formas de loucura.

# Conclusão

A pergunta abaixo de O Livro dos Espírito fala sobre a avareza e de outras provas:

**261. O espírito, nas provas a que deva se submeter para chegar à perfeição, deve experimentar todos os gêneros de tentações? Deve passar por todas as circunstâncias que possam excitar nele o orgulho, o ciúme, a avareza, a sensualidade, etc.?**

Os Espíritos respondem:

Certamente não, visto que sabeis que existem aqueles que, desde o início, tomam um caminho que os livra de muitas provas; aquele, porém, que se deixa arrastar para um mau caminho, corre todos os perigos desta estrada. Por exemplo, um espírito pode pedir a riqueza e esta pode ser-lhe concedida; então, conforme seu caráter, poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou, então, entregar-se a todos os gozos da sensualidade; isto, porém, não quer dizer que deverá, forçosamente, vivenciar todas essas tendências.

**Artigo anterior:** **O papel do pesquisador e do médium nas comunicações com os Espíritos**

**Conheça nosso grupo no Facebook:** **Grupo de Estudos O Legado de Allan Kardec**

# O papel do pesquisador e do médium nas comunicações com os Espíritos

Neste estudo em grupo, tratamos do artigo em questão de uma forma um tanto diferente, pois notamos que ele nos dava ensejo a um aprofundamento bastante importante a respeito da mediunidade e das diferenças existentes entre como ela era tratada no Espiritismo, como doutrina científica nascida da observação racional dos fatos e das comunicações espíritas (espirituais) e como ela é tratada hoje.

---

# O Espiritismo frente à guerra

Estamos, nesta data, vivendo um novo momento de apreensão no mundo, com uma nova guerra se iniciando entre a Rússia e a Ucrânia. Será muito oportuno, portanto, relembrar alguns importantes conceitos do Espiritismo frente a tais situações, como as guerras.

## A situação de quem morre nas guerras

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que qualquer maldade humana nasce da imperfeição inerente a Espíritos que, como praticamente todos nós, ainda estamos na terceira ordem da escala espírita. O Espírito que pratica o mal, individualmente ou em conjunto, o faz porque ainda é ignorante sobre a moral e age segundo seu livre-arbítrio já conquistado. Assim, destaco, **jamais** uma ação de perversidade ou maldade, praticada por alguém, nasce de uma cobrança divina de uma "dívida" passada.

Creio muito importante destacar esse pensamento, logo de início, pois muitos ainda pensam, muito erradamente, que a vítima de um crime está "resgatando

débitos passados", o que não é uma verdade. Ora, que Deus é esse que cobra dívidas através de crimes e que, com isso, faz um outro Espírito – o do criminoso – adquirir um novo débito?

Portanto, não, as pessoas que morrem vítima de um crime, seja ele isolado, como um homicídio, seja ele em grupo, desde os casos menores, mas não menos expressivos, como o caso do incêndio da boate Kiss, que rendeu um processo criminal, até os maiores, como os casos do nazismo, que matou mais de seis milhões de judeus, ou do genocídio cometido pelo revolucionário chinês Mao Tsé-Tung, cuja política matou de 50 a 80 milhões de pessoas, não morrem por estarem sendo cobradas por absolutamente nada do passado: morrem por efeito das decisões alheias, criminosas – lembrando que, é claro, o Espírito que preveja a vida sob tal condição pode **escolher** aí reencarnar a fim de expiar erros passados e tentar aprender e se livrar das imperfeições que o levaram a errar.

Já tratei desse assunto em outro artigo, destacando que as mortes coletivas não se dão por conta de "resgates coletivos", mas por conta de estarmos sujeitos a tais vicissitudes, inerentes à matéria bruta que hoje ocupamos.

# A "data limite"

Muitos têm, com certo medo, se referido a uma suposta "profecia" atribuída a Chico Xavier a respeito da chamada data limite, onde, a partir de determinada data, em 1969, os Espíritos elevados que cuidam do progresso terrestre dariam um "ultimato" ao ser humano terrestre: se não houvesse nenhuma guerra, dentro dos 50 anos seguintes, entraríamos em uma nova fase de evolução planetária.

Acontece, aí, que temos alguns problemas frente à Doutrina:

1. Espíritos superiores não costumam dar previsões futuras desse gênero.
2. Como poderiam os Espíritos superiores darem tal ultimato **sabendo** que o ser humano ainda é muito imperfeito e conhecendo o ia e vai no coração humano?
3. Nós sabemos que a evolução do Espírito não respeita datas. Para o Espírito imortal, o tempo não existe, e o que não for feito hoje, nem aqui, será feito em décadas, centênios ou milênios. A urgência que existe mora em cada um, pois, cada dia perdido de desprendimento das imperfeições

será um dia a mais de sofrimento nessa condição espiritual.

Outro problema é que grande parte desse assunto vem sendo discutido de segunda mão, através de outras pessoas, não tendo saído diretamente da boca de Chico Xavier. Portanto, é preciso olhar tal assunto com muito cuidado.

# A guerra e o Espiritismo: O Livro dos Espíritos

Na obra citada, Kardec também aborda a temática das guerras. Vamos analisar as perguntas e as respostas:

> *742. Que é o que impele o homem à guerra?*
>
> *"Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e transbordamento das paixões. No estado de barbaria, os povos um só direito conhecem: o do mais forte. Por isso é que, para tais povos, o de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, menos frequente se torna a guerra, porque ele lhe evita as causas. E, quando se torna necessária, sabe fazê-la com humanidade."*

O ser humano, ainda muito imperfeito, quer imperar pela força a fim de fazer valer suas vontades egoísticas. Conforme formos progredindo, deixaremos para trás tais imperfeições e guerrearemos menos, em qualquer escala. O grande problema é que, hoje, o homem está esquecido da moral e da alma.

> *743. Da face da Terra, algum dia, a guerra desaparecerá?*
>
> *"Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos."*

Infelizmente, numa sociedade absurdamente materialista, estamos bastante esquecidos de praticar a Lei de Deus.

> *744. Que objetivou a Providência, tornando necessária a guerra?*
>
> *"A liberdade e o progresso."*

Quando se fala que a Providência (Deus) tornou necessária a guerra, é importante entender que Deus jamais faria da guerra uma necessidade em si, mas, sim, que permite o livre-arbítrio ao Espírito imperfeito que, sem sombra de dúvidas, entrará em contendas e guerras de todo o gênero. Faz parte da evolução. É quase sempre preciso conhecer o mau, em seu estágio mais avançado, para que a sociedade busque o bem. Outrora, o ser humano, em generalidade, guerreava e matava por qualquer motivo mesquinho. Hoje estamos consideravelmente longe desse passado.

Também há algo importante a destacar: as guerras de escala maior são, sempre, comandadas por um ou mais indivíduos ou grupos tiranos. No fim da linha está o soldado que, muitas vezes, nada tem a ver com isso e que sequer gostaria de estar ali, mas que se vê obrigado a seguir as ordens de seus comandantes. A Justiça Divina, é claro, "leva em conta" essas diferenças, isto é, o soldado que age sob comando, sem a vontade de fazer o mal, terá, frente à sua própria consciência, muito menos sentimento de culpa do que o comandante que os envia para o assassínio.

> *744. a) — Se a guerra deve ter por efeito o advento da liberdade, como pode frequentemente ter por objetivo e resultado a subjugação?*
>
> *"Subjugação temporária, para pressionar os povos, a fim de fazê-los progredir mais depressa."*

É o complemento do que foi dito acima. A guerra pressiona ao avanço, tanto científico quanto moral.

> *745. Que se deve pensar daquele que suscita a guerra para proveito seu?*
>
> *"Grande culpado é esse e muitas existências lhe serão necessárias para expiar todos os assassínios de que haja sido causa, porquanto responderá por todos os homens cuja morte tenha causado para satisfazer à sua ambição."*

Pela resposta a essa questão, parece então que o Espírito que provoca a guerra para tirar proveito terá, sim, que pagar por cada um daqueles que tenham sofrido por esse motivo. Mas não é exatamente isso. É preciso ler com atenção e cuidado, e as obras de Kardec, sendo baseadas em ciência, são continuamente construídas sobre postulados anteriores.

Notemos, aqui, que a resposta espiritual fala em *expiação*. A expiação, sendo uma espécie de penitência, não é um castigo imposto diretamente por Deus, como uma cobrança, mas sim como um efeito da consciência que o Espírito toma sobre o mal praticado. Desde o momento em que o Espírito entende que o que sofre por estar afastado do bem, passa a sofrer moralmente por conta disso e, então, passa a planejar encarnações onde expiará suas imperfeições, para superá-las. Também não significa que o Espírito expiará individualmente por *cada um* dos sofrimentos ou das mortes que tenha causado, mas, sim, que passará por um longo trabalho reencarnatório, tentando se livrar do peso moral adquirido com seus erros. Hitler, com certeza, não reencarnará mais de seis milhões de vezes para morrer da mesma forma e "pagar" pela morte de cada um dos judeus (e de outras vítimas da guerra), mas, com certeza, no momento em que **entender** a extensão do mal que fez e o tamanho do sofrimento que ele mesmo vivencia, passará por uma longa série de encarnações sofridas, por escolha própria, a fim de buscar vencer as imperfeições exacerbadas que lhe fizeram agir de tal forma.

# Conclusão

A guerra e as contendas, em menor ou maior grau, ainda são inerentes à nossa condição de Espíritos muito imperfeitos, e só deixarão de existir no dia em que praticarmos as leis de Deus, isto é, no dia em que a caridade moral, a benevolência, enfim, o bem em si estiver instalado no coração de cada um, como obrigação, bem como que cada um faça seu esforço próprio para se livrar do egoísmo e do orgulho, imperfeições que dão origem a todas as outras. E, para isso, é necessário que o homem eleve-se acima da matéria e compreenda que, como Espíritos encarnados, a **única** coisa que realmente importa e que levamos daqui é o progresso que tenhamos ou não realizado. E, nisso, o Espiritismo, como ciência, e a educação nas bases da pedagogia de Pestalozzi (principalmente), tem muito ainda a contribuir.

Façamos preces, sim, pelos nossos irmãos. Sabemos que o pensamento tem poder de transmissão a infinitas distâncias. Podem, quem sabe, atingir os corações mais endurecidos, como também podem fazer muito bem àqueles que são vítimas dos desmandos despóticos de todos aqueles que querem imperar pela força e pela violência. E aproveitemos para estudar, não para darmos aulas de Espiritismo, mas para nos fazermos mais úteis à sociedade através de nossa própria transformação e da propagação das ideias baseadas na preexistência da alma e de

sua continuidade infinita.